

Fórum aponta ameaça de depressão

Fotos de Jorge William

As perspectivas de curto prazo para a economia, segundo os participantes do "III Fórum Nacional — Ideias para a modernização do Brasil", não poderiam ser piores: aprofundamento da recessão e talvez até uma depressão, caso o Governo insistisse na manutenção da política monetária restritiva (basicamente, juros altos) como único instrumento de combate à inflação. De maneira geral, os participantes concordaram que o Plano Collor partiu de um diagnóstico correto, de que era preciso reconstituir a capacidade de financiamento do setor público, mas sua execução ficou incompleta.

Reivindicaram quase que um segundo Plano Collor, que deveria incluir, a curto prazo, algum tipo de política de rendas (isto é, medida relativas a salários e lucros), em que os agentes econômicos assumissem perdas, para viabilizar a queda da inflação. Os demais componentes seriam um ajuste fiscal duradouro e um projeto de longo prazo para o País. O economista Sérgio Besserman, do BNDES, lançou dúvidas sobre a viabilidade de discutir os custos presentes do ajustamento se não há um projeto futuro.

Roberto Nicolau Jeha, Diretor da Fiesp, foi um dos mais enfáticos, ao afirmar que a recessão está instalada e ameaça transformar-se em depressão. Segundo ele, um País sem "amortecedores sociais", como o Brasil, não pode correr o risco de desemprego em massa, desorganização da produção e até problemas de oferta de alimentos. Ele defende que os empresários abram mão da margem de lucro e os trabalhadores dos reajustes salariais para viabilizar o entendimento nacional.

— A burguesia brasileira tem que deixar de lado o corporativismo — afirmou.

Jeha foi aplaudido até por pessoas de esquerda, como a economista Maria da Conceição Tavares. Também concordou com ele o economista do PT, Aloísio Mercadante, para quem, na costura do entendimento nacional, o grande desafio de admitir perdas terá que ser enfrentado, também, pelo movimento sindical.

O ex-Ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen é outro para quem a política monetária restritiva, sozinha, só leva a taxas de juros estratosféricas. Como os demais, ele

defendeu algum tipo de política de rendas, embora discordando do ex-Ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, para quem política de rendas traduz-se em congelamento de preços e salários, a seu ver única forma de derrubar a inflação.

Simonsen e Bresser, bem como o ex-Presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore e o economista Sérgio Werlang, da Fundação Getúlio Vargas, entre outros, opinam que o Governo precisa garantir um superávit fiscal duradouro no ano que vem. A dúvida é sobre como conseguir tal resultado, já que, como lembrou Simonsen, mesmo com melhoria da arrecadação e cortes de gastos, ele ficará dificultado por força da Constituição, que garante elevadas transferências de recursos da União para os Estados e Municípios. Simonsen ficou encarregado de apresentar uma proposta de reforma fiscal até o final do Fórum.

Para o economista André Lara Resende, um dos pais do Plano Cruzado, o Brasil está em hiperinflação desde 1987, o que levou ao total esgotamento da capacidade de financiamento do setor público. Essa situação, afirmou, foi revertida apenas temporariamente, com o Plano Collor. Segundo ele, inflação, na melhor das hipóteses, terá aceleração menor.

N'a opinião dos empresários Jorge Gerdau Johannpeter, a responsabilidade pelas altas taxas de juros não é só do Governo federal: os Governos estaduais continuam pressionando os juros através da emissão de títulos com alta remuneração. A seu ver, esta é uma das muitas reações à política de ajuste do Governo, que poderão ser amenizadas através do entendimento nacional. Gerdau prevê aprofundamento da recessão e já tem uma estratégia para enfrentá-lo: destinar a produção não absorvida no mercado interno para o externo.

O empresário informou que, nos últimos meses, vem ampliando as exportações do grupo, que reúne sete siderúrgicas, que faturaram US\$ 1 bilhão no ano passado. Segundo ele, o resultado será um aumento de 20% nas exportações em relação a 1989, o que significa um faturamento de US\$ 250 milhões no mercado externo — apesar de tudo, não superior ao do ano passado, e a rentabilidade cairá.



Economistas e empresários no encontro sobre modernização do Brasil: política econômica vai agravar a recessão